

O perfil do ensino de ciberjornalismo nas estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo de Mato Grosso do Sul¹

Catarine Sturza²
Beatriz Longhini³

Resumo: A prática jornalística tem sido influenciada profundamente pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Mudanças na estrutura da notícia a partir de tecnologias e métodos cada vez mais avançados e maior colaboração do leitor exigem um novo profissional e com isso, uma melhor formação universitária. O trabalho traz reflexões sobre a importância do ciberjornalismo no ensino de Jornalismo. São analisadas as estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo do estado: UFMS, Uniderp, UCDB, AEMS e Unigran, a fim de avaliação quanto à utilização de disciplinas voltadas ao ciberjornalismo. Os resultados demonstram que o Ciberjornalismo ainda é uma área em expansão no estado, o que indica que essa inclusão necessita de avanços, derivados de projetos, investigações e experiência na área, para só assim atender as necessidades ainda existentes nas Instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: Ensino. Jornalismo. Internet. Ciberjornalismo. Mato Grosso do Sul.

Introdução

O jornalismo tem tido dificuldades em se afirmar como campo acadêmico e uma das explicações está na incorporação das novas tecnologias que possibilitam qualquer usuário disponibilizar informação.

A carreira em jornalismo merece uma formação adequada que contemple aspectos filosóficos, teóricos, culturais e específicos. Com isso, professores e pesquisadores da área repensam no ensino passado nas Instituições de Ensino Superior (IES). Deve-se privilegiar uma formação adequada à demanda profissional de modo a incrementar os domínios da Internet como pré-requisito da formação.

¹ Artigo apresentado ao 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, realizado de 27 a 29 de agosto de 2014 em Campo Grande – MS;

² Graduada em Jornalismo e Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo (Ciberjor/UFMS). E-mail: catarinesturza@yahoo.com.br;

³ Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Toledo de Araçatuba (SP), Especialista em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Universidade Estácio de Sá e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: longhinibeatriz@gmail.com.

Nosso objetivo neste trabalho é fundamentalmente pedagógico, buscando contribuir para a discussão em torno das especificidades do Ciberjornalismo. Assim foram necessárias investigações nas grades curriculares para avaliar a adequação da formação superior em Jornalismo no que se refere às novas tecnologias em Mato Grosso do Sul. O ensaio, aqui apresentado, se trata de uma pesquisa documental de análise das estruturas curriculares feita no segundo semestre de 2014 nas Instituições de Ensino Superior (IES) do Mato Grosso do Sul.

O corpus da pesquisa se delimita nas seguintes IES: Universidade para o desenvolvimento do Estado e da região do Pantanal – Uniderp, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Centro Universitário da Grande Dourados – Unigran e Faculdades Integradas de Três Lagoas - AEMS.

O presente trabalho está dividido em 3 partes: “Ciberjornalismo: história e características”, “Inclusão do ciberjornalismo nas estruturas curriculares” e “Análise: uso do ciberjornalismo nas estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo de Mato Grosso do Sul”.

No capítulo 1 partimos de uma breve descrição do que se entende por ciberjornalismo e suas características para na parte 2 definir o que é ensino de ciberjornalismo e qual sua importância nas grades curriculares dos cursos de Jornalismo do país. Por fim, é apresentada uma análise prévia das estruturas curriculares quanto à utilização de disciplinas voltadas ao ciberjornalismo no estado.

1. Ciberjornalismo: história e características

Com o advento no Brasil da Internet (forma que dois computadores adotavam para trocar informações), por volta de 1983, o fazer jornalístico teve que se adequar aos novos recursos e meios oferecidos pela web, denominação simplificada do espaço virtual em que trafegam as informações na internet pelo protocolo WWW, especialmente no fluxo e velocidade da informação.

Conforme Castells (1999, p. 247) tem-se na Internet: “Uma ordem social organizada de modo a satisfazer uma das mais consideráveis das demandas latentes na sociedade, a

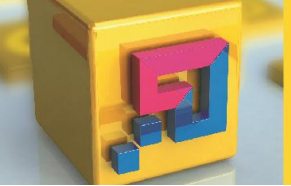
demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento escleroso dos meios de comunicação tradicionais”.

MIELNICZUK, in PALACIOS E MACHADO (2003) identifica três fases para a história do Jornalismo na Internet:

- primeira fase, chamada transpositiva: a informação vinha como reprodução de partes principais de editoriais de jornais impressos para a internet. Essa primeira também podia ser chamada de Jornalismo eletrônico, pois se utilizava de equipamentos e recursos eletrônicos;
- segunda fase, da retórica: havia experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede, o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor, mas tudo ainda associado ao jornal impresso. Surge as seções „últimas notícias“ („hard news“), com os “hiperlinks”, como forma de organização. Essa fase é também chamada de Jornalismo digital (multimídia), que emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de bits;
- terceira-fase, webjornalismo (atual): a modificação começa com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas a Internet, permitindo a transmissão mais rápida de sons e imagens. São sítios jornalísticos que extrapolam a ideia da simples versão para a Web de um jornal impresso e passam a explorar as potencialidades oferecidas pela rede, como a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos. As notícias têm atualização contínua e passam a ser produzidas com recursos, como, textos, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo junto para que o leitor possa escolher o seu próprio percurso de leitura.

O conceito “ciberjornalismo” veio da palavra “cibernética”, implantada nos anos 40 pelo físico Norbert Wiener. Para Mielniczuk (*apud* GÓMES Y MÉNDEZ, 2004) cibernética é:

Ciencia o disciplina que estudia los mecanismos automáticos de comunicación y de control o técnica de funcionamiento de las conexiones de los seres vivos y de las máquinas autogobernadas, acepción femenina procedente del griego kybernetike (arte de pilotar o gobernar) y del francés cybernétique, acuñada por Norbet Wiener tras postular, en 1948, a la cibernética como una nueva disciplina



científica tras SUS investigaciones basadas sobre el cálculo de probabilidades, el análisis y la teoría de La información (p. 2).

Atualmente o ciberjornalismo é adotado conjuntamente com a maioria dos autores espanhóis de acordo com Salaverría (2005, p. 21) por ser a “especialidade que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos”. Em suma, utiliza sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas.

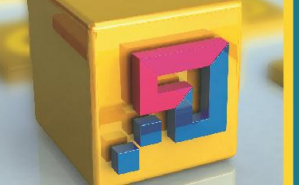
Há diferenças entre as nomenclaturas ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo apesar de muitos jornalistas e professores utilizarem como iguais. Para alguns autores, como Souza (2006) “o jornalismo on-line diz respeito a qualquer jornalismo praticado na internet enquanto o termo jornalismo digital refere-se a toda tecnologia que trabalhe com dígitos, o termo webjornalismo se refere somente ao jornalismo praticado na internet e o termo ciberjornalismo está relacionado com a cibernética”.

Palacios (1999 apud BARBOSA, 2007) estabelece cinco características ao ciberjornalismo: multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Dentre estas cabe ainda personalização/customização e atualização contínua/instantaneidade.

Na visão de Salaverría (2005) a hipertextualidade, é a capacidade de interconectar diversos textos digitais entre si. A multimidialidade é uma mesma mensagem em elementos diferentes, como: texto, imagem e vídeo; e a interatividade é a possibilidade que o usuário tem de interagir com a informação.

Em 1959 Luiz Beltrão, autor da primeira tese de Jornalismo do país, previa que “No jornalismo automatizado, mais que buscados, os fatos chegarão às redações”. Pode-se atribuir isso hoje a interatividade, conceito que para Steur (apud PRIMO, 2008, p. 34) significa a opção em que os usuários podem participar na modificação da forma e do conteúdo do ambiente mediado em tempo real. Alguns exemplos de ferramentas de *feedback* e colaboração do usuário são: enquetes, testes, fóruns, comentários, “mande seu vídeo”, entre outras.

2. Inclusão do ciberjornalismo nas estruturas curriculares



A implantação dos primeiros cursos de jornalismo no Brasil veio a partir da regulamentação pelo Decreto nº 22.245, de dezembro de 1946, assinado pelo general-presidente Eurico Gaspar Dutra. A primeira escola de Jornalismo criada foi a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, em 1947 em São Paulo. Em 1966, foram criados os Cursos de Jornalismo da Universidade de Brasília, e em 1968, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás (primeiros da região Centro-Oeste do país). Também no mesmo ano, nasceu a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outras instituições.

A Região Sudeste concentra a maioria das escolas de jornalismo, seguida pela região Sul, Nordeste, Centro-Oeste e a Região Norte, com o menor número delas.

O exercício do jornalismo tem passado por diversas transformações ao longo dos últimos anos, e com isso, muitas universidades começaram a repensar esse Jornalismo desenvolvendo adequações em seus Projetos Pedagógicos, seja em seus valores, missão, estrutura curricular, atividades complementares, infraestrutura, entre outros.

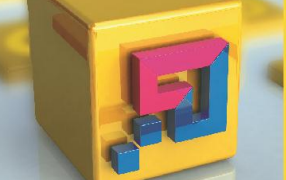
Conforme Ribas e Palácios (2007) devem ser feitas adequações no processo ensino-aprendizagem voltadas para a formação destes novos profissionais do Jornalismo:

Em grande parte dos casos, o digital aparece nos planos curriculares sob a forma de disciplina de final de curso (Jornalismo Digital, Comunicação Multimídia, etc). Porém, a realidade demonstra que *já não existem meios de comunicação não digitais*: actualmente, os profissionais da comunicação trabalham imersos num ambiente de forte conteúdo tecnológico que influencia toda a rotina produtiva e não apenas o produto final (imprensa, rádio, televisão, etc). Da mesma forma, os conteúdos digitais devem ser distribuídos nos planos de estudo dos cursos de comunicação, em vez de serem relegados para os últimos anos de licenciatura (ICOD, 2006, p.7).

Canavilhas (2006) afirma que “o Ensino Superior tem um papel preponderante no desenvolvimento de uma linguagem jornalística própria para a web” (p. 6), oferecendo dois níveis de contribuição: a investigação no sentido de se encontrar uma linguagem para este novo meio e desenvolvendo modelos econômicos que permitam viabilizar informação na web.

Para tanto, esperasse do recém-formado em Jornalismo uma formação “multimídia”, novas habilidades e competências para atuarem no ciberjornalismo.

Por eso, uno de los cambios principales consistirá probablemente en mudar del modelo tradicional de enseñanza, consistente en formar a los futuros periodistas en



destrezas profesionales dirigidas a enfrentar la escasez de información, hacia otro modelo en el que se forme a los periodistas para enfrentarse a la superabundancia de la información. Con Internet, el problema ya no es encontrar información, sino distinguir entre lo significativo de lo irrelevante (SALAVERRIA, 2005, p.3).

Para Meditsch (2001) as escolas de jornalismo tem que se adequar a este novo profissional multimídia. “Qualquer estudante de jornalismo tem que sair da faculdade dominando todas as linguagens utilizadas para a veiculação de notícias, e as possibilidades de sua combinação propiciadas pelos novos meios” (MEDITSCH, 2001, p. 2).

As Instituições de Ensino Superior têm como compromisso social gerar novos conhecimentos e qualificar o aluno para o mercado de trabalho atual, que exige uma habilidade em Ciberjornalismo, e principalmente oferecer subsídios para uma concepção capaz de favorecer um verdadeiro ensino teórico/prático para os estudantes, mas nem sempre é isso que ocorre, em algumas Universidades, as matrizes curriculares ainda não são adaptadas a essa evolução tecnológica.

É necessário alterar a estrutura curricular de um curso de Jornalismo para utilizar as novas potencialidades da Internet no âmbito do ensino e da aprendizagem. Para Fidalgo (2001) os conteúdos letivos mantiveram-se, melhorou o acesso dos alunos a textos das áreas científicas e, por outro lado, permitiu-se um melhor acompanhamento da matéria lecionada, por parte dos alunos, e do modo como estes estão a assimilar a matéria, por parte do docente.

Para Bertocchi (2006) a academia deve preparar os alunos de Jornalismo para essa nova exigência do mercado de trabalho e da sociedade, apesar de ser um campo de pesquisa e de ensino, que está em busca de algumas respostas. Repensar nesse novo perfil do profissional do jornalismo “exige posturas por parte da academia e do mercado que vive em busca de quebrar eventuais barreiras, resistências e, pensar com visão sistêmica e de longo prazo, de forma a abarcar a mutação contínua do ambiente” (CORRÊA & CORRÊA, 2007).

Para Dines (1986), o ensino universitário do jornalismo é importante:

(...) porque é na sala de aula, no exercício da teoria e na avaliação da prática, que o profissional pode enxergar mais longe (...) A sala de aula, conveniente e necessariamente equipada – em termos materiais como humanos – é insubstituível para fundir ética com técnica, ideal com real (DINES, 1986, p. 22)

Na visão de Canavilhas (2006) o objetivo da disciplina ciberjornalismo é “fazer com que o jornalista possa produzir alguns dos conteúdos, mas, sobretudo, dotá-lo de uma linguagem técnica capaz de lhe permitir desenhar o produto final e coordenar a equipe de produção de conteúdos” (p. 5).

A partir destes dados, podemos propor mais um passo no repensar o perfil considerando, que segundo Corrêa & Corrêa (2007) podem ser:

propostas pedagógicas que busquem o equilíbrio entre os preceitos do jornalismo... implementação de processos de aprendizagem do diálogo... introdução de técnicas e ferramentas que efetivamente apoiem a práxis do reportar no meio digital e aprimorem gêneros e formatos jornalísticos mais enriquecidos. (...) introdução de formatos pedagógicos em nível de graduação objetivando competências como desenvolvimento do pensamento lógico; *brainstorming*/criatividade, inteligência de sistemas; e abertura de um leque mais generalista no campo da cultura geral, não só leituras, mas uma real vivência das experiências culturais disponíveis em nossos ambientes (p. 11).

O ciberjornalismo, enquanto suporte, necessita de aprimoramento para então ser entendido como disciplina “similarmente ao que ocorreu no jornalismo impresso, no radiojornalismo, ou no telejornalismo, que passaram por períodos de amadurecimento e busca de linguagens próprias, durante os quais prevaleceram modelos claramente transpositivos, importados de suportes mediáticos e/ou gêneros textuais anteriores” (PALACIOS, 2003, p. 13).

3. Análise: uso do ciberjornalismo nas estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo de Mato Grosso do Sul

O objetivo deste trabalho consiste na verificação da existência ou não de adequações quanto ao ciberjornalismo no ensino de jornalismo das instituições de Mato Grosso do Sul. Para o desenvolvimento do trabalho são propostos um estudo teórico, uma pesquisa documental através de levantamento de dados e uma prévia análise das estruturas curriculares dos cursos de Jornalismo do Mato Grosso do Sul.

O curso de Jornalismo da UFMS foi o primeiro a ser criado no estado, em 1989, e reconhecido pelo MEC em 10/08/1994. Na Uniderp o curso foi criado em 01/02/1998, e até 2006 era apenas Comunicação Social nos quatro anos de curso. A partir de 2001, o curso passou a Comunicação Social - habilitação em Jornalismo. O reconhecimento pelo MEC foi realizado em 21/06/2002, quando teve a primeira turma formada.

O curso de Jornalismo da UCDB nasceu como uma continuação de Comunicação Social, na qual o acadêmico fazia os dois primeiros anos de Comunicação e depois escolhia

Jornalismo ou Publicidade e Propaganda. A graduação iniciou em 1999, e abriu turma apenas em 2000, com reconhecimento pelo MEC em 2002.

A Unigran, instituição privada que fica em Dourados, cidade 228 quilômetros de Campo Grande, começou o curso de Jornalismo em 2004, e o reconhecimento pelo MEC veio apenas em 2006. A AEMS é localizada em Três Lagoas, cidade a 338 quilômetros da capital. O curso de Jornalismo existe desde 02/02/2002 e teve reconhecimento pelo MEC em 7/6/2006.

Tabela 1 – Cursos de Jornalismo no Mato Grosso do Sul

Cidade	IES	Sigla	Início*
Três Lagoas	Faculdades Integradas de Três Lagoas	AEMS	2005
Campo Grande	Universidade Católica Dom Bosco	UCDB	1999
Campo Grande	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	UFMS	1989
Campo Grande	Universidade para o desenvolvimento do Estado e da região do Pantanal	Uniderp	1998
Dourados	Centro Universitário da Grande Dourados	Unigran	2004

Fonte: organizado pela autora;

*O ano de início do curso não corresponde ao ano de reconhecimento do MEC.

A Uniderp e Unigran possuem turmas em período noturno. Na UCDB e AEMS há turmas em período matutino e noturno. E na UFMS vespertino juntamente com noturno (período integral).

O levantamento das grades curriculares foi feito a partir de buscas na Internet nos sites institucionais e junto aos coordenadores de curso. Dentre as cinco instituições analisadas todas disponibilizam informações sobre suas matrizes curriculares na Internet.

Quanto à inclusão de disciplinas voltadas ao jornalismo na Internet também todas as instituições contemplam, com as seguintes nomenclaturas:

Tabela 2 – Disciplinas voltadas ao ciberjornalismo

IES	Disciplinas
AEMS	Jornalismo On-line
	Novas Tecnologias da Comunicação
UCDB	Cibercultura
	Comunicação Multimídia
	Mídia Digital
UFMS	Informática Aplicada ao Jornalismo

	Laboratório de Ciberjornalismo I
	Laboratório de Ciberjornalismo II
Uniderp	Informática Aplicada ao Jornalismo
	Editoração e Multimídia
Unigran	Informática Aplicada ao Jornalismo
	Jornalismo On-line
	Laboratório de Jornalismo On-line
	Tecnologia da Informação

Fonte: organizado pela autora

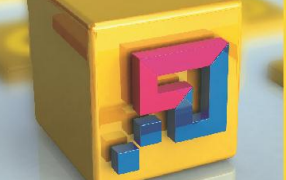
Nas cinco escolas pesquisadas a disciplina é ofertada, embora com denominações diferentes. Na maioria o ciberjornalismo é estudado em disciplinas que abordam a temática digital. A nomenclatura mais utilizada é *Informática aplicada ao Jornalismo* oferecida na UFMS, Uniderp e Unigran, na sequência, *Jornalismo On-line* na AEMS e Unigran.

Percebe-se que não existe um consenso da terminologia correta sobre o assunto, apesar do Ciberjornalismo ser a nomenclatura mais utilizado no exterior. A única a utilizar essa terminologia é a UFMS, que oferece *Laboratório de Ciberjornalismo I e II*. Algumas instituições ensinam o ciberjornalismo em outras disciplinas também como é o caso da AEMS, na qual segundo o coordenador de curso Rafael Furlan Lo Giudice os alunos trabalham essa temática na disciplina *Teoria da Comunicação II* ministrada pelo próprio professor.

Com relação à distribuição dos cursos e carga horária, segue tabela abaixo:

Tabela 3 – Distribuição das disciplinas e carga horária

IES	Disciplinas	Semestre	Carga horária
AEMS	Jornalismo On-line	5 e 6	80
	Novas Tecnologias da Comunicação	3 e 4	80
UCDB	Cibercultura	4	120
	Comunicação Multimídia	4	120
	Mídia Digital	6	80
UFMS	Informática Aplicada ao Jornalismo	1	60
	Laboratório de Ciberjornalismo I	5	120
	Laboratório de Ciberjornalismo II	6	120
Uniderp	Informática Aplicada ao Jornalismo	2	40
	Editoração e Multimídia	4	40
Unigran	Informática Aplicada ao Jornalismo	1	40
	Jornalismo On-line	5	80
	Laboratório de Jornalismo On-line	6	80



	Tecnologia da Informação	8	40
--	--------------------------	---	----

Fonte: organizado pela autora

Conforme pesquisas quase 50% das disciplinas são oferecidas no 3º ano, seguidas por 2º ano, 1º ano e depois 4º ano. As disciplinas com nomenclaturas mais básicas como *Informática aplicada ao Jornalismo* e *Novas tecnologias da Comunicação* são pré-requisitos para cursar as próximas oferecidas no 3º ano.

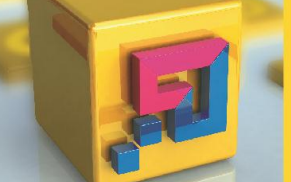
Entre as 14 disciplinas levantadas, 3 são laboratoriais quanto a nomenclatura, as já citadas da UFMS e *Laboratório de Jornalismo On-line* da Unigran, todas oferecidas no 3º ano.

Algumas considerações

As leituras e análises feitas levam-nos a acreditar que temas como novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC), ciberjornalismo e também a formação acadêmica dos profissionais do Jornalismo são assuntos que merecem atenção em investigações teóricas.

Apesar de quase todos jornalistas serem adeptos as redes sociais e utilizarem a Internet todos os dias, o problema atualmente está na incorporação dessas novas tecnologias. Ainda há resistência por parte dos veículos de comunicação em adotar esses novos formatos de mídia e da faculdade em ensiná-los, ou seja, faltam elementos que permitam ao Jornalismo se aproveitar das ferramentas proporcionadas pelas tecnologias digitais conectadas, seja este conhecimento, aprimoramento, experiência, etc.

O jornalismo multimídia é visto normalmente em reportagens especiais onde são utilizados os vários tipos de mídias, dando poder ao leitor para correr para aonde quiser dentro da matéria, de forma não-linear, não-sequencial. A dificuldade está no desenvolvimento desse trabalho. Grandes grupos de comunicação aproveitam de matérias do telejornal para o vídeo da matéria do site, assim como do jornal impresso. Muitas redações de grandes empresas trabalham em prol da convergência, mas ainda demanda esforços a serem ultrapassados.



Um profissional pode estar apto a produzir diferentes versões de uma mesma história a fim de divulgar em várias plataformas. O desafio atual ainda está no desenvolvimento desta linguagem específica, com maior tempo de produção, sem acúmulo de função ao jornalista, que cada vez mais se torna um profissional multitarefa.

E uma das soluções para melhor entender o ciberjornalismo de hoje é ensiná-lo e discuti-lo nas faculdades. Cabe aos professores ficarem atentos a estas transformações e as novas formatações, que possivelmente serão impostas à sociedade, aos profissionais e ao ensino do Jornalismo, para que o profissional egresso dos cursos possa atender as demandas desse novo modelo de sociedade que se desenha.

Também é necessária que a inclusão de disciplinas voltadas ao ciberjornalismo não fique apenas no papel, mas que haja infraestrutura preparada adequadamente se não o aprendizado pode ficar comprometido.

As análises das estruturas curriculares mostraram que as instituições de ensino de Jornalismo em Mato Grosso do Sul não tem um padrão, apenas algumas semelhanças. Todas as universidades têm em suas estruturas curriculares disciplinas voltadas ao ciberjornalismo, seja com nomenclaturas mais amplas como Novas Tecnologias e Informática, como com nomes laboratoriais.

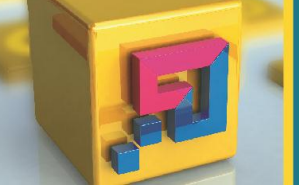
A continuidade de pesquisas, diálogos e reflexões em torno dessa área são questões pertinentes a formação profissional, tendo em vista melhores resultados para a atividade jornalística e para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOCCHI, Daniela. **A Narrativa Jornalística no Ciberespaço: transformações, conceitos e questões**. Universidade do Milo, Instituto de Ciências Sociais, 2006.

CANAVILHAS, João Manuel Messias. **Do Jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança**. Universidade da Beira Interior. Comunicação e Sociedade, v.9, n.10, 2006. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/1159/1102>>. Acesso em 27 jun. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



CORRÊA, Elizabeth Saad e CORRÊA, Hamilton Luíz. **O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências.** Anais do V Congresso Ibero-americano de jornalistas na internet, Salvador, 24/25 nov. 2004. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/13909/ed.%20n%C3%A3o-linear_perspectivas.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal.** Summus editorial, 5ª Ed., São Paulo, 1986, p. 22.

FIDALGO, Antônio. **Metáfora e realidade ou cooperação e concorrência na rede.** Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-rede-metaphora-realidade.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2014.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital.** Salvador: Editora Calandra, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O ensino do radiojornalismo em tempos de internet.** XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande, 2001.

PALACIOS, Marcos. O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online? Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador Bahia, 21 set. 1999. In: BARBOSA, Suzana (orgs). **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** LABCOM: Universidade de Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2007. Disponível em: <http://observatorioidaimprensa.com.br/download/jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em 12 ago 2014.

_____. **Metodologia de pesquisa em jornalismo: algumas reflexões a partir de um caminho percorrido.** Revista SBPJor, 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe, 2007.

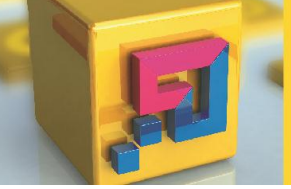
PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo.** Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n.12, jun. 2000, p. 81-92.

REDE ICOD. **Comunicação Digital: Competências profissionais e desafios acadêmicos.** Rede Iberoamericana de Comunicação Digital, 2006. Disponível em: <<http://www.icod.ubi.pt>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

RIBAS, Beatriz & PALACIOS, Marcos. **Manual de Laboratório de Jornalismo na Internet.** Salvador: EDUFBA, 2007.

SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística em internet.** 1º ed., Pamplona, Espanha: EUNSA, 2005.

SINGER, Jane B. In Fidalgo, J. & Marinho, S. (Org.) (2009) Actas do Seminário “**JORNALISMO: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação**”. Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).



SOUZA FILHO, Gelson Amaro de. **Jornalismo On-Line: Guia teórico e Prático.** Disponível em: < http://webjornalismo.gelsonamaro.com/TCC_Gelson.pdf>. Acesso em 25 jun. 2014.